



MULHERES COM PARTIDO



Que o Brasil seja melhor

Kátia Born e a construção de pautas de gênero e sexualidades na política alagoana

Patrícia Rosalba Salvador Moura COSTA, *Universidade Federal de Sergipe*

Ulisses Neves RAFAEL, *Universidade Federal de Sergipe*

Izabela Gouveia NASCIMENTO, *Universidade Federal de Sergipe*



(((AUDIODESCRIÇÃO)))

#PraCegoVer: Nessa foto, tirada por Ulisses Neves Rafael logo após a entrevista, vemos Kátia Born de mãos dadas com Patrícia Rosalba. Ao fundo um cartaz de campanha com uma fotografia do rosto de Kátia mais jovem, com os dizeres, “A mulher sabe quanto custa este governo. Para vereadora, Kátia Born (PMDB)”.



A história do Estado de Alagoas está salpicada de episódios violentos. O extermínio dos caetés, em represália à ação contra os integrantes da nau Nossa Senhora da Ajuda que naufragou na costa alagoana, pode ser mencionado como o episódio paradigmático da punição exemplar que irá, de certa maneira, marcar o Estado. Na sequência dessa difamação histórica, temos os episódios relacionados à ocupação holandesa que culminaram na morte por enforcamento de Calabar, acusado de traição e deserção, e cujo corpo foi esquartejado e exibido em estacas espalhadas pelo Arraia de Bom Jesus. Por fim, para ficarmos apenas nesse período histórico da colonização, temos também a perseguição bárbara aos negros quilombolas da Serra da Barriga e os requintes de crueldades que se abateu sobre Zumbi, sua liderança máxima, morto em batalha e decapitado, segundo versões não unânimes.

Por essas e outras é que o escritor alagoano cunhou a célebre frase “Alagoas é o que se ama e dói”, para se referir, talvez, não apenas à violência estamental, mas, sobretudo, ao discurso da dominação que recai sobre as populações pobres, às quais aparecem representadas na figura de bandidos e de criminosos que precisam ser silenciadas.

Sob este aspecto nunca é demais lembrar o silêncio que durante muito tempo se abateu sobre os terreiros de matriz africana, em decorrência do desafortunado episódio denominado “Operação Xangô”, ocorrido em 1912 e que implicou à invasão e destruição das principais casas de culto afro-alagoanos de Maceió e adjacências, afugentando pais e mães de santo e deixando em seu lugar uma modalidade exclusiva de culto que foi denominada “xangô rezado baixo”.

As mulheres alagoanas também foram testemunhas desse histórico de silenciamento, não significando dizer que sua atuação tenha sido insipiente por terem sido sonegadas na historiografia local. Um levantamento mais sério e comprometido vai constatar a existência de trajetórias femininas que remontam aos primórdios da colonização da província. Nomes pouco conhecidos como Clara Camarão, da nação potiguar, que exerceu forte influência nas guerras contra holandeses; a portuguesa Brites Mendes de Albuquerque, que já em 1554 assumiu, durante a ausência do seu marido Duarte Coelho, o governo da antiga capitania de Pernambuco, da qual Alagoas fazia parte; além das mulheres negras, como Acotirene e Aqualtune, que participaram ativamente na manutenção do quilombo de Palmares, cujas primeiras referências remontam ao ano de 1580.



Os regimes políticos se sucederam ao longo do tempo, desde a Colônia até a República, passando pela Monarquia e em todos eles vamos localizar o desempenho de mulheres que, nos bastidores ou na ribalta, fizeram diferença, nas lutas pela conquista da independência em Alagoas; nas campanhas abolicionistas; na vida cultural da Primeira República; na imprensa feminista do início do Século XX; nos folguedos populares, no ensino público, na religião e, principalmente, na política, campo dentro do qual se insere nossa entrevistada.

A participação de Katia Born na política alagoana remonta à época do seu avô, tido na sua cidade de origem, Viçosa, como comunista. Essa vinculação à esquerda marcou sua militância na faculdade de odontologia, quando participada das reuniões do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Alagoas e se estendeu por toda sua trajetória política, inicialmente vinculada ao MDB, partido pelo qual foi eleita vereadora em 1982. Posteriormente seria eleita a primeira prefeita de Maceió, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), no qual permaneceria até o ano passado, a partir de quando se filiaria ao Partido Democrático Brasileiro (PDT).

A biografia de Kátia também é permeada por episódios de violência, verificados entre os seus próprios familiares, tanto quanto em meio a população carente que ela atendeu desde que se formou com 20 anos de idade. Essa experiência de dentro e de perto, aguçou seu compromisso com a questão da mulher no Estado, tendo sido uma das fundadoras do Conselho Estadual dos Direitos das Mulheres, bem como da Delegacia da Mulher em Alagoas. A entrevista com Kátia Born foi um momento de intensa aprendizagem, saímos de Aracaju, capital sergipana em direção à Maceió para conversarmos com a interlocutora, que nos recebeu em sua casa com uma jarra de suco e pão de queijo, conversamos durante quase duas horas e pudemos conhecer a mulher que jogou vôlei e que ajudou a fortalecer as pautas de gênero e sexualidades nas políticas públicas do Estado de Alagoas. Essas e outras são as histórias que nossa entrevistada Kátia Born nos convida a acompanhar aqui.

Kátia Born e suas palavras: A palavra do momento é uma expressão que a gente nunca deixou de usar. A luta continua. Eu acho que não dá para esperar para ver. Eu tenho trinta e oito anos de política. Desde o primeiro momento que nós começamos a ter um papel político



na sociedade, a nossa linha foi cuidar das mulheres. Eu sou da área da saúde, fui jogadora de voleibol a minha vida inteira, até alguns anos atrás. Fui da seleção alagoana, fui vice-campeã brasileira, cheia de recordes no Norte e Nordeste... E, na minha vida toda, o que é que a gente defendeu? Os direitos das mulheres, os direitos do trabalhador no concurso público, acabar com essa politicagem toda. Eu, na política, acredito que você tem que defender todo um contexto onde a mulher está inserida na sociedade. E aí, quando eu fiz concurso público, me formei com 20 anos de idade na UFAL (Universidade Federal de Alagoas) como dentista, eu fui trabalhar no Vergel do Lago, que é um bairro pobre aqui em Maceió. E nesse bairro, o que acontecia? Naquela época, as pessoas não tinham SUS, só era atendido quem tivesse a carteirinha [antigo] do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social).

Então o que é que a gente fazia? Eu não queria nem saber. Chegavam àquelas mães com as crianças eu atendia quem tivesse carteirinha e sem carteirinhas. E, naquela época, a gente começou a observar que eram as mães que tinham os cuidados da saúde dos filhos. Elas podiam estar sem dentes, mas a criança era a prioridade, então – era uma época ainda difícil, não sei se 1978 ou 1979, ainda tinha uma certa repressão -, mas a gente via, com aquelas mulheres, e o carinho que a gente cuidava das crianças, que houve, assim, no bairro, uma paixão entre mim e a mulherada do bairro, as famílias. E o que eu fazia? Durante o dia, eu atendia, e à noite eu dava palestra nas creches e nas escolas: como você alimentar bem os seus filhos sem dar açúcar? Imagina, ninguém me ensinou nada daquilo; era um papel meu como cidadã.

Quatro anos depois àquelas mulheres de lá resolveram me lançar candidata à vereadora. Eu não tinha nem intenção de ser candidata. Eu fazia meu trabalho, defendia os direitos das mulheres, tudo a gente já fazia porquê... Eu tive em 1964 meu avô preso, meu tio preso, na cidade de Viçosa (Alagoas) que é a cidade de Teotônio Vilela (ex-governador de Alagoas). E toda vida, até meus 12 anos –Meu avô morreu, eu fui criada pela minha avó - então era toda uma história da defesa dos trabalhadores, das trabalhadoras, da Reforma Agrária. Então, eu fui criada por uma família, quando a minha mãe ficou viúva com 17 anos de idade, com 2 filhos, viúva, e foi expulsa da cidade de Viçosa porque ela era tão bonita que as mulheres tinham medo que ela tomasse seus maridos. Olha, já... de criança a gente percebe. E ela teve que sair de Viçosa, foi trabalhar e me deixou com minha vó e meu avô, eu e minha



irmã. Então, aqueles meus ensinamentos, me levavam na minha vida profissional, a cuidar das mulheres...

Pergunta: Desculpe interromper e a gente vai, se você não se importar, fazer esse tipo de intervenção, porque, às vezes, você está tratando de coisas que para gente também interessa explorar mais a fundo, do tipo, essa sua influência familiar, o envolvimento desses seus familiares com a política, essa memória desse passado de repressão e como isso afeta a família... Você poderia falar um pouco mais sobre como você acha que isso repercute na sua formação?

Kátia Born: Eu nasci em Maceió, mas com 11 meses meu pai morreu e minha mãe foi para Viçosa, que era onde moravam meu avô e minha avó, os pais dela. Em 1964, quando veio o Golpe, o meu tio e o meu avô tinham um grupo que discutia política, Reforma Agrária... Esse meu tio, que era dono de uma sapataria, era um homem que era bem de vida, era a única sapataria na cidade, ... Esse meu tio poderia ser um candidato, provável candidato a prefeito lá de Viçosa, apoiado pelos trabalhadores. O que aconteceu? A direita de Viçosa, as famílias de nome de Viçosa, elas denunciaram minha família, então, esse meu tio foi preso imediatamente; o meu avô saiu pelo trilho do trem de Viçosa, foi protegido pelo Teotônio Vilela [Pai] e pelo Doutor Zé Maria, que era um médico famoso lá; e foi escondido para não ser preso, embora ele já tenha sido preso umas 30 vezes lá em Viçosa, porque diziam que ele era Comunista na época. Então, você imagine ter toda uma família esfacelada onde viviam, onde tinham sua vida produtiva. Esse meu tio ficou preso um ano e meio e o meu avô respondeu processo. Como ele já tinha sessenta e poucos anos, ele foi responder processo. Ficaram com meu tio preso e o meu avô ficou sob vigilância.

Pergunta: Como era o nome do seu avô?

Kátia Born: Joca Seleiro. Meu avô era um homem que não terminou o curso primário, falava 5 línguas, fazia sela de cavalo, já exportava para Alemanha e para os Estados Unidos as selas. Em 1958-1959, Ele era famoso...a sela era toda feita na mão. E eu pequena ajudava ele a fazer sela, fazia os desenhinhos para ganhar 1 real, fazia os



desenhos...Então, eu era muito ligada a ele; escutava aquelas conversas daqueles velhos - naquela época, 60 anos, sessenta e poucos era velho. Hoje em dia não, eu tenho 65 anos, fiz agora, dia 1º. Então, naquela época, com 60 anos você já era uma pessoa madura. Jogava gamão, ficava escutando aquelas conversas todas, então eu fui criada naquela coisa. Quando eu vi aquilo tudo se desfazer. E eu em 1964, disse para minha avó e meu avô: “Olhem, agora eu vou estudar em Maceió”. “Mas terminei o 4º ano!”. Porque eu estudava num colégio, num educandário, que ensinava muito bem, e tudo mais. – “Eu vou para Maceió, porque eu não tenho mais o que fazer em Viçosa não. Porque Viçosa é muito pequena para mim. Eu quero agora morar na praia”. Aí vim embora, dizendo: “Mamãe, estou indo para aí”. Isso foi em janeiro. Quando foi em março, veio o Golpe de 64. Então, essa desestruturação familiar foi horrível, sabe?

Meu tio depois se soltou. Ele, os 3 filhos e a mulher vieram morar em Maceió. Minha mãe já tinha casado novamente (...)com o filho de um deputado que era da ARENA (Aliança Renovadora Nacional). E aí, a minha mãe deu a casa em que a gente morava para esse meu tio e pro meu avô, e foi morar em uma outra casa aqui. Então toda a minha família ficou sob a proteção do meu padrasto e da minha mãe. Então depois de um ano, meu avô abriu uma lojinha e começou a fazer as selas dele aqui. O meu tio abriu uma sapataria na esquina da casa da minha mãe. Então foram se arrumando, mas foi uma coisa, assim, penosa. Ainda hoje eu me lembro, na esquina da minha casa eram policiais para todo canto, ninguém podia entrar, minha mãe dizia assim, olhe “Não fale muito, porque seu avô está escondido aqui e pode ser preso. O seu tio tá preso”. Então foi um momento muito difícil da minha infância.

Pergunta: Esse seu sobrenome, qual a origem dele?

Kátia Born: A minha avó era neta de Alemão. Eram três irmãos; dois foram pro Rio Grande do Sul e um veio para Alagoas. Este era arquiteto e foi morar nessa região aqui do litoral norte. E. o meu avô era Cavalcante (sobrenome), era primo legítimo da minha avó.



Pergunta: Que é outra família também muito tradicional aqui no Estado de Alagoas, não é? Inclusive, lá em Quebrangulo [Município alagoano] tem um ramo dos Cavalcantes.

Kátia Born: O pai da minha avó era o Tenente Fragoso. Você não sabe se é tenente ou se não era, mas todo mundo tinha um título antigamente.

Pergunta: Uma patente, não é?

Kátia Born: E meu avô casou com minha avó e era artesão e foi-se embora morar lá em Viçosa. Mas era uma família... Eles trabalhavam; tinham 2 casas no centro da cidade. Uma era a loja, a outra era a casa. Então era simples, mas era... Um homem intelectual, sabe?

Pergunta: Um autodidata?

Kátia Born: Um autodidata. Era uma pessoa maravilhosa.

Pergunta: E como foi essa sua formação educacional aqui na cidade? Quais os colégios que você frequentou?

Kátia Born: Quando eu cheguei de Viçosa para Maceió, aí mamãe disse: “Como é que você vem desse jeito? Não tem escola ainda”. Na praça Deodoro, tinha um grupo escolar Pedro II, que hoje é a academia Alagoana de Letras. Aí eu fui lá, com 10 anos. Eu cheguei e disse: “Eu quero uma vaga para mim, que eu estou em Viçosa”. E eles: “Cadê a sua mãe?” Eu digo: “Ah, ela não pode vir não, que tá cuidando da minha irmã mais nova”. Aí, fui lá, arranjei uma vaga, fui para Viçosa, voltei de trem, fui de trem, fui buscar a declaração do colégio, mas naquela época, você tinha que pegar o batistério [Registro de batismo]. E eu tinha me batizado com 10 anos de idade digo, com 9 anos, porque meu avô era comunista, não acreditava em religião. E aí, fui pegar o batistério, peguei tudo! Arrumei tudo, levei pro colégio, arranjei a vaga.



Pergunta: Sozinha?

Kátia Born: Sozinha. E aí, quando eu terminei o colégio - naquela época, tinha exame de admissão – aí mamãe disse: “Eu vou falar com o meu sogro – o sogro dela que era deputado – para arranjar uma bolsa de estudos para você no Ginásio Anchieta”. Aí eu passei de colégio e fui estudar no Ginásio Anchieta. Lá eu comecei a jogar voleibol, tinha uma quadra de voleibol. Todo mundo era bom em voleibol e eu era péssima, mas eu não queria nem saber. Eu subia no telhado para pegar a bola... “eu subo para pegar a bola, agora, contanto que deixem eu jogar.

Então eu sei que eu fui assim, um pouco atrevida. Eu queria mesmo era jogar. E fui conquistando a simpatia das minhas colegas, e fui começando a jogar voleibol. Tinha meus onze, doze anos. Estudei os quatro anos no Anchieta. Do Anchieta, fiz a minha seleção para ir pro colégio estadual, que era um colégio do Estado... o Liceu Alagoano. E era difícil uma vaga, mas eu dizia assim: “Mas eu quero é estudar no Liceu Alagoano”.

Nesse período, o que aconteceu? No 4º ano, naquela época era 4º ano, o pai do meu padrasto, que era deputado, foi perseguido pelo governo. Porque o governo era Muniz Falcão (Sebastião Marinho Muniz Falcão – ex-governador de Alagoas) e ele (pai do meu padrasto) votava nas matérias do Muniz Falcão. Meu padrasto era concursado público como fiscal de renda, e houve uma perseguição do governo da intervenção, que foi o Lamenha Filho (Antônio Simeão de Lamenha Lins Filho). Aí ele [seu padrasto] deixou de ser fiscal de renda para ser agente administrativo. Eu vou dizer a você, ele ganhava, vamos dizer, um fiscal hoje ganha 20 mil reais. Ele, na época, passou a ganhar um salário mínimo e meio. Aí foi um desastre. O que fazer? Ninguém tinha renda. Mamãe tinha herdado três casas do meu pai. Aí tinha que vender as casas para gente ir sobrevivendo. Aí vendeu a casa que ela morava mesmo, que era no centro... E o que é que ela fez? Ela vendeu a casa, comprou um caminhão para o meu padrasto e comprou uma porção de pipoqueiras elétricas e, aí, “vamos vender pipoca! Todo mundo!”.

Pergunta: Vocês mesmos, os filhos?



Kátia Born: Nós mesmos, os filhos e funcionários, mas ela quem... mamãe que... não deixou ninguém morrer de fome. Nada. Resultado, meu padrasto, nos primeiros seis meses bateu o caminhão... Acabou-se...

Pergunta: Mas ele sobreviveu?

Kátia Born: Sobreviveu. Mas, aí, se desiludiu. Na realidade, quem trabalhava mesmo era... a mamãe. Ele ia pescar... O pai dele foi ser conselheiro do Tribunal de Contas do Estado e a mamãe nessa luta. E eu jogava voleibol, estudava, viajava no vôlei. O voleibol para mim foi assim uma...

Pergunta: Válvula de escape?

Kátia Born: Não... Me ensinou, porque, quando meu avô morreu, eu tinha de 12 para 13 anos. Eu tive uma crise emocional que... A minha avó ficou viva; meu padrasto e minha mãe foram morar no interior, nesse intervalo, foram morar em Penedo (município de Alagoas). Quando ele passou de fiscal de renda para agente administrativo, voltaram de Penedo para Maceió. E aí foi que eu... meu avô tinha morrido, aí eu passei a morar com a minha avó. Aí a mamãe – foi nesse período que teve a confusão, que ela comprou o caminhão para ele (o padrasto) e tal, tal, tal, tal... E aí a vida da gente ficou muito sufocada. Minha avó teve câncer, meu avô morreu, depois minha avó teve câncer. Morreu e eu já estava no primeiro ano da faculdade de odontologia, mas o voleibol, para mim, era vida. Eu jogava voleibol e dava aula na escolinha de voleibol no CRB (Clube de Regatas Brasil) também. Então eu não parava. As minhas amigas que eram do voleibol, que davam aula de educação física, nas férias delas eu também dava aula de educação física. Eu me virava, sabe? Então a minha vida foi um certo tumulto. Quando foi que a vida passou a melhorar? Eu estava terminando a faculdade. A minha irmã mais velha fugiu com 14 anos, casada com um belo rapaz, mas que batia nela, ela engravidou do primeiro filho e eu disse: “Deixe esse cara”. Ela engravidou do segundo, eu disse: “Deixe ele”. Aí ela foi morar em Aracaju e engravidou do terceiro. No terceiro filho dela, ele, o marido, deu uma surra nela, que ela



chegou toda queimada, fugida, de madrugada. Eu com um ódio, queria matá-lo. Ela fugiu, aí chegou e me entregou o filho dela, de 10 meses e disse: “Fique com ele e me mande pro Rio de Janeiro, para algum lugar, porque, se ele [o marido] me ver, ele me mata”. Aí nós, eu e minha mãe, mandamos ela pro Rio de Janeiro, para casa de uns parentes nossos; fiquei com o filho novinho e disse “Se ele vier buscar o filho eu não vou dar. Eu vou na delegacia, vou denunciar ele”. Então, eu tive o problema dentro de casa da violência...

Pergunta: Então esse foi o teu primeiro contato com a violência contra a mulher?

Kátia Born: Primeiro contato com a violência... Com 19 anos, com minha irmã, porque ela apanhou durante... porque ela casou com 14 anos e apanhou até os 19. E eu tinha uma raiva porque ela não contava lá em casa e a mamãe sempre foi uma mulher muito forte. A mamãe deu uma peixeirada em um marido; o outro ela foi matar por traição também. Ela casou-se umas 4 vezes, mamãe. Não tinha problema... e tinha uma filha que apanhava e não reagia. Aí essa minha irmã, a última surra que levou, foi-se embora pro Rio de Janeiro; eu fiquei com o filho dela, ela me mandou uma guarda e sustento e eu criei ele... estudando e criando aquele menino com 11 meses... Olhe não sabia o que fizesse. Era um desadouro.

A minha mãe...Nesse período, meu padrasto voltou para fiscalização; entrou com ação judicial. Voltou para fiscalização, aí ela descobriu que ele tinha uma amante, aí ficou numa cama 1 ano deitada, prostrada. Eu com as minhas amigas psicólogas e psiquiatra, nada; com um menino pequeno para cuidar. Olhe, foi um transtorno a minha vida. E eu tinha que jogar voleibol, tinha que dar conta do menino. E eu tinha uma irmã mais nova, que era 7 anos, 8 anos mais nova do que eu. Então, com 12, 13 anos me ajudava a cuidar do menino. Aí a minha mãe ficou, minha mãe não tinha o curso primário, casou-se com 14 anos, mas era uma mulher inteligente ela... ficou um ano na cama, eu um ano inteiro tendo que cuidar de tudo.

Com um ano, ela levantou-se, foi estudar. Fez o supletivo I, o supletivo II, fez vestibular de Direito, terminou o Direito, e aí, descobriu o mundo. Começou a namorar, namorava com um rapaz 20 anos mais novo que ela...



Pergunta: Tua mãe é viva?

Kátia Born: Minha mãe, é. Minha mãe tem 85 anos, mas se arranjar um marido de 30 anos ainda casa de novo.

Pergunta: Kátia, e com relação ao seu envolvimento com a política?

Kátia Born: Aí, quando eu... quando eu fui trabalhar no Vergel [bairro da cidade de Maceió] ... Na faculdade, a gente fazia parte do DCE [Diretório Central dos Estudantes] e era escondido no final do corredor lá, mas a gente fazia os panfletinhos, umas coisinhas, mas era uma... e a minha mãe dizia “Pelo amor de Deus, não se meta nessa política. Eu visitei o seu avô não sei quantos anos na cadeia. Você não me faça isso. Você não... não faça essas coisas comigo”. E eu não queria saber.

Pergunta: Então no período da faculdade você sempre esteve envolvida com o movimento estudantil?

Kátia Born: Sempre. Eu gostava daquele movimento estudantil, eu sabia que... um dia a gente ia conquistar a liberdade. Aí, depois de formada, eu fui trabalhar no bairro do Vergel. Com três anos lá as mulheres diziam: “Vamos lançar ela a candidata a vereadora, não sei o que mais... Isso em 1981. Eu digo: “Ah, mas isso tem que ver os partidos e não sei o que...”. Aí Mendonça Neto (Ex-Deputado Federal e Estadual por Alagoas), que era um Parlamentar brilhante... e eu muito amiga de Ronaldo Lessa (ex-prefeito de Maceió, ex-governador de Alagoas, atualmente Deputado Federal) do voleibol...

Pergunta: Ah, ele também jogava?

Kátia Born: Ronaldo jogava. Teve um acontecimento em que Ronaldo... Eu fazia o terceiro ano de faculdade de odontologia engenharia. A gente estava no Ceará, no campeonato brasileiro estudantil universitário, quando o Geisel [Presidente da República de



1974 a 1979] estava chegando em Fortaleza e anunciaram no microfone: “Senhor Ronaldo Lessa, se apresente aqui!” Ele teve que se esconder para não ser preso porque ele era da FADU [Federação Alagoana do Desporto Universitário] e ele teve que ficar fora do campeonato.

Pergunta: Kátia, ainda sobre sua fase de formação, tiveram alguns nomes importantes, intelectuais que marcaram essa sua fase na universidade ou na escola?

Kátia Born: Olhe, a pessoa que a gente tinha assim... uma relação grande na vida, era o Ronaldo (Ronaldo Lessa). Por quê? Porque ele era o representante; mais velho, mas jogava voleibol com a gente lá no Clube Fênix; viajava com a gente; foi o perseguido da polícia, ele e Selma Bandeira [médica, militante política e deputada estadual de Alagoas]. Selma Bandeira foi presa e foi namorada de Ronaldo Lessa. Foi deputada... Selma Bandeira vocês ouviram falar, não é?

Pergunta: Sim.

Kátia Born: Então o Ronaldo e a Selma, eles eram mais velhos, mas eram uma geração que a gente no colégio ouvia falar deles. Ronaldo era professor; fazia engenharia e era professor. E, o velho Teotônio Vilela que era um cara que, mesmo sendo da ARENA, a postura dele sempre foi uma postura de combate à violência; o direito à cidadania. Então Teotônio também era uma figura...

E, na época, o Muniz Falcão... eu era uma garota, mas ele era o cara da resistência. Então era... Como eu sou de uma geração que com 10 a 12 anos vivi uma pancada na vida; depois com uns 16 anos, meu padrasto perseguido, outra pancada na vida, então, cada sujeito desse fazia parte de uma história da vida. E cada vez, a gente empobrecia, sabe? Tinha que trabalhar, resistir, quer dizer... A vida me ensinou ... Por isso que eu estou dizendo... A luta continua. A sociedade não tem que se amedrontar. Nós já passamos por coisas bem piores. 64 (1964) foi desmobilização, a mortes dos jovens, quer dizer, esse momento agora, eu acho que a gente tem que perceber e reagir. Não pode ficar quieto, perceber, se preparar e batalhar.



O Teotônio, Ronaldo Lessa, Selma Bandeira, Mendonça Neto – na época, era um cara eloquente, do Rio de Janeiro, eleito Deputado –, quer dizer, então com umas figuras assim, na cidade, que nos atraíam. E qual é uma figura nacional que a gente percebia: Ulysses Guimarães (um dos principais opositores à ditadura militar). Ele, os discursos dele, a gente estudante e tudo, você percebia a luta pela liberdade. Então Dr. Ulysses, eu acho que ele fez a formação de muita gente nesse período. Muitos jovens.

Pergunta: Agora dando um salto aqui cronológico, como foi o desafio de aceitar concorrer a esse cargo de vereadora e o que que você lembraria dessa experiência de chegar a essa função. A gente vê na sua biografia, que consta nas redes, que você foi a primeira presidente da câmara dos vereadores. Fale um pouco sobre, você ainda era uma garota, não? Como você enfrentou esse desafio?

Kátia Born: É, e eu não sabia o que era disputar uma eleição. Naquela época, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) se transformou em PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), e eu fui escolher que partido eu ia entrar. Eu fui atrás, eu tinha um amigo meu, Hélio Laranjeiras, que era sobrinho do meu técnico de voleibol, do Toroca [Walter Pitombo Laranjeiras, O ex-vereador por Maceió e hoje presidente da Confederação Brasileira de Vôlei]. Então ele era primo do Toroca, aí disse: “Kátia, vamos pro MDB jovem.”, eu disse: “Mas eu soube aí que ia fundar outros partidos”. “Não, vamos pro MDB, que é o partido de Teotônio. Teotônio saiu da ARENA pro MDB; do Djalma Falcão (Único prefeito eleito pelo MDB / PMDB em Maceió), que é irmão de Muniz Falcão; de Mendonça Neto”. Eu disse: “Vamos em Mendonça Neto.” Quando eu cheguei lá, ainda lembro hoje, com um vestidinho branco, aqui tinha o Jornal Tribuna de Alagoas. Aí fui no apartamento dele [Mendonça Neto], que ele morava na Pajuçara (Bairro de Maceió), aí ele disse: “O que é que você quer?”, aí eu digo: “Eu estou querendo me filiar ao partido. Trabalho lá no Vergel. Tenho o movimento das comunidades. Não fiz nada disso pensando em política, nem nunca me candidatar”. Aí ele disse: “Bora’, vou lançar você candidata à vereadora”. Aí eu disse: “Mas assim?”. Ele disse: “Assim.”. Aí me filiou lá. Disse “Agora vou levar você na casa do Djalma Falcão para você se encontrar



com Teotônio Vilela...”. Eu disse: “Teotônio era amigo do meu avô”. Ele disse: “Era?”. Eu digo: “Era.”

Meu avô fazia sela de cavalo para o Teotônio e ele dizia assim: “Diga ao Joca que mande minha sela!”. E meu avô dizia assim: “Diga a ele que eu não sou empregado dele não, tem vaga na fila, que ele venha buscar.” E ele chegava lá e ria muito... Havia essa liberdade, não é? E como eu passava o carnaval em Viçosa, os filhos de Teotônio também passavam. José Aprígio [José Aprígio Vilela, líder empresarial alagoano falecido em 2005]. Eu já namorei com José Aprígio. Então a gente tinha uma relação familiar e a Zana [Rosana Vilela], filha de Teotônio... Eu fiz o curso básico de odontologia com medicina. Nos dois primeiros anos era medicina e odontologia e ela estudava comigo. Então era assim que a gente se relacionava.

Ele, Mendonça Neto, disse assim: “Vamos levar Teotônio!”. Aí eu fui na casa de Djalma Falcão. Quando cheguei lá, aí Teotônio virou para mim e disse: “Eita! Neta do Joca Celeiro? Essa tem pedigree, nem me preocupo com essa, Mendonça Neto, grande aquisição pro PMDB!”. Então foi assim que eu entrei na política, me candidatei naquela época...

Aí Ronaldo Lessa e Selma Bandeira voltam do Rio de Janeiro, que Teotônio mandou buscá-los para se filiarem no PMDB, para serem candidatos. Quando Ronaldo chegou, ficou puto da vida: “Mas Kátia você não vai me apoiar, você vai apoiar o Mendonça Neto para Deputado Estadual e o Djalma para Deputado Federal?”. “Mas Ronaldo, eu não posso fazer nada disso, porque...; eu não posso te apoiar, porque foi o Mendonça que me botou no partido...”. “Não teve jeito. E a Selma Bandeira que eu estava conhecendo dizia: “Galega, ele apoia mulher...”. Eu digo: “Olhe, Selma, se tivesse estado com você meu desejo era apoiar uma mulher”. Aí ela disse: “Mas não tem problema”. Aí eu saí candidata; num carro de som, uma Kombi velha, com quatro bocas de som, que quebrava na rua. Dois amigos meus da universidade, Professor Benedito Pontes e Hilário [Alencar], que a gente fazia meus santinhos no mimeógrafo e fazia cota para botar gasolina na Kombi para poder rodar para campanha. Então, nessa eleição, o PMDB fez treze vereadores e o PDS (Partido Democrático Social) fez oito, e eu me elegi...

Tem uma foto minha ali que é a minha primeira campanha. A minha empregada que botou ali. Era no meu escritório. Ela disse: “Vou botar aqui que eu gosto muito dessa foto”. Minha empregada tá comigo



há 23 anos. Meu primeiro slogan “A mulher sabe o quanto custa esse governo”.

Pergunta: Isso foi em que ano, Kátia?

Kátia Born: 1982. E aí, me elegei vereadora e Selma Bandeira se elegeu deputada Estadual, em 1982 e em 1983 a gente assumiu o mandato. Aí campanha, eleição direta disso, para mulher trabalhadora rural... Eu me juntei com ela para gente... abrir, brigar por essas coisas todas; o direito a salários iguais; o direito se a mulher quisesse abortar, que não houvesse discriminação. Então uma pauta, assim, moderna, forte. Aí as mulheres que apanhavam aqui, a gente ajudava e denunciava. Primeiro foi uma mulher que foi ferrada no rosto pelo marido. O homem disse que era ‘gaiêra’ [corruptela de galheira, para se referir à traição]. “Mulher gaiêra só morta”. Nós saímos de madrugada para pegar o bandido lá na casa da mulher. O homem fugiu. Por certo eu era meio maluca. Pegamos a mulher, botamos ela no hospital, restauramos o rosto dela.

Em 1985, aí a gente fazia o Encontro Nacional das Mulheres. Selma Bandeira, eu, Alda Marco Antônio [Primeira mulher a ocupar o cargo de vice-prefeita do município de entre 2009 e 2012] em São Paulo. A Ângela, do Rio de Janeiro, a Idete, do Rio de Janeiro.

Pergunta: Quem era o Governador do Estado aqui?

Kátia Born: Era o Suruagy.

Criamos o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Mulheres em Alagoas e fizemos movimentação para criar no Brasil inteiro. Aí a Câmara tinha uma vaga, eu, não é? A Assembleia Estadual tinha uma vaga que era a Selma Bandeira e a gente tinha os encontros nacionais.

Em 85 [1985], o Temer [Michel] era Secretário de Segurança de São Paulo e a Alda Marco Antônio, Presidente do Conselho Estadual da Mulher de São Paulo. Aí eu fui lá para pleitear; eu tinha feito um dossiê da violência contra a mulher no estado, divulguei em São Paulo, saí na capa da Veja (Revista semanal publicada pela Editora Abril), saí na Isto é



(Revista semanal publicada pela Editora Três), e fui... trazia a proposta da gente criar a Delegacia da Mulher em Alagoas, aí fizemos uma reunião com o Conselho Estadual, fomos ao governador; o governador do Estado criou o Segundo Conselho da Mulher no Brasil, que foi em Alagoas...

E quem foi a delegada? A mãe do Ronaldo Lessa [Noélia Lessa], que era promotora e era delegada.

Pergunta: E você era vereadora na época?

Kátia Born: Eu era vereadora. Fui vereadora de 1982 a 1988.

No final de 85 (1985), o Fernando Collor saiu do PDS [Partido Democrático Social] e entrou no PMDB pelas mãos do Renan [Calheiros], José [Oliveira] Costa, Teotônio Vilela Filho. E eu e Ronaldo [Lessa] e mais 4 vereadores saímos do PMDB e fundamos o PSB [Partido Socialista Brasileiro]. Fizemos uma reunião com a Selma Bandeira e a Selma Bandeira reuniu todo o pessoal dos camponeses ligado a ela ... Que ela ia ser candidata Federal. Aí o pessoal disse que não era para ela sair do PMDB. Ah, foi uma dor no coração... Eu disse: “Selma, tenha coragem, você tem nome, a gente ajuda você. Ronaldo [Lessa] é candidato a governador pelo PSB”. Olha, repara... a coragem. Imagina a estrutura do PMDB, e a gente sai naquela hora? Aí nós saímos do PMDB, fundamos o PSB com três vereadores e o Ronaldo deputado e a Selma continuou no PMDB. E aí, Selma candidata à Deputada federal, Fernando Collor para governador, aquela coisa toda, Téo [Teotônio Vilela], Renan [Calheiros], Collor, todo mundo, entendeu? E eu e Ronaldo Lessa.

Eu tinha um FIAT, dirigia esse Estado todinho. Ronaldo dizia: “Você vai ser candidata a federal”. Eu dizia: “Ronaldo...”. Eu era candidata à estadual. “Não, é Denis Agra, que é um jornalista, vai ser estadual, você é federal”. Eu digo: “Mas, Ronaldo, eu nem tenho dinheiro nem para fazer papel”.

A câmara de vereadores era... a gente tinha acabado com as mordomias da câmara. Porque a câmara tinha acabado com carro oficial, com aposentadoria de vereador, com tudo, então não podia efetivar assessor, era o momento do... imagina. E tinha gente da direita dentro do PMDB. “Mas, Ronaldo, eu não tenho nada na câmara, eu não tenho nada...”. “Não tem problema, você vai ser candidata a federal”. Então



vamos divulgar o partido, ele para governador, eu para federal para divulgar o partido. Aí saímos andando esse Estado todinho. Eu tinha três amigas que eram meio aventureiras igual a mim. Uma tinha 18 anos, hoje é procuradora da câmara; a outra é juíza, e a outra terminou contabilidade e trabalha num dos JAs [Central de Atendimento ao Cidadão em Maceió]. Então essa era a minha comitiva.

Na primeira campanha, eram dois professores da universidade trabalhando. Nessa... Eu digo: “Vocês querem andar por aí?”. “O Ronaldo Lessa não mandou? Vamos nós três, a gente faz campanha”. Então isso era... não sei como não morria na estrada. Um sono danado. Éramos todas contra Fernando Collor..

Claro que nós perdemos as eleições. Ronaldo ficou sem mandato e, em 88 [1988], Ronaldo sai candidato a vereador e eu também. Só que os meus votos e os dele, para vereador, eram iguais. Se elegem Ronaldo, eu perco a eleição de vereadora.

Aí, em 1989, fui eleita presidente do Sindicato dos Previdenciários, que era meu sindicato; em 1990 Ronaldo foi candidato a Deputado Estadual, perdeu a eleição. Em 1989, o Collor se elegeu governador e o PSB apoiou o Lula... o vice do Rio Grande do Sul [José Paulo Bisol], que era juiz. Foi vice do Lula... Aí, nós, com Lula para todo lado e o vice era do PSB. Em 2000 Ronaldo Lessa perdeu a eleição para Deputado Estadual. A gente lançou um professor aí da universidade, Moura [Antônio Cerveira de Moura]. Em 1991, eu saí do sindicato, fui ser presidente da CUT, Central Única dos Trabalhadores. Em 1992, a confusão do Collor nacional e eu disse: “Ronaldo, está na hora de você ser candidato a prefeito”. Ele era vereador. Eu digo: “Vamos, vamos trabalhar.” O Teotônio Vilela Filho candidato e o [José] Bernardes, pelo PTB [Partido Trabalhista Brasileiro] candidato. Então, era difícilimo a gente ganhar. Aí, a onda do Collor. “Fora Collor! Fora Collor!” e eu peguei os sindicatos todinhos. Aí o Ronaldo Lessa disse: “Vamos botar uma pessoa do PT (Partido dos Trabalhadores) para ser vice”. Eu disse: “Bora.”. Foi o Ricardo Coelho, mas depois, não vingou muito, pegou a Heloísa [Helena] que estava despontando como uma liderança das enfermeiras, sindicato das enfermeiras.

Ah, eu não contei que, em 1986 Selma Bandeira morreu num acidente de carro, na campanha para deputada federal e, se eu tivesse no PMDB, tinha morrido com ela porque ela era federal e eu estadual. A



vida, o destino sabe o que fazer. Morreu uma amiga nossa que era presidente do sindicato dos enfermeiros e era minha eleitora.

Aí botamos os sindicatos todos; pegamos a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), fizemos passeatas, andamos tudo. Aí chamavam Ronaldo de candidato garçom: “10%! 10%! 10%”. E a gente na rua com o povo da CUT, dos sindicatos, trabalhadores sem-terra, sem teto. Resultado, Ronaldo Lessa ganha a eleição no 1º turno e ganha a eleição no 2º turno.

Nisso, Itamar [Franco] assume. E quando Itamar assume, o PSB tem direito a dois ministérios: o Ministério da Cultura, Antônio Houaiss, que eu tive a honra de ser amicíssima; de aprender com ele a ser um pouco gourmet e aprender com ele o jeito de viver, o jeito de pactuar com as pessoas, o jeito de comer numa mesa. Tudo em Antônio Houaiss era especial. E nesse período também era amiga de Roberto Amaral, todos mais velhos, mas eu ali no meio, amando. E Jamil Haddad que era o presidente do partido nacional, foi chamado para ser ministro da saúde.

Quando Ronaldo ganhou, aí Jamil Haddad disse: “Kátia Born vai ser a secretária de saúde”. Aí Ronaldo: “Mas ela tá na CUT”. Ele disse: “Tira ela da CUT, vai ser secretária...”. E a Heloísa Helena ficou aborrecida porque ela era vice-prefeita e o PT que queria indicar [A secretaria]. Aí o Ronaldo Lessa disse: “Não, o PT indica a educação e eu indico a saúde; que o ministro quer que a Kátia seja”. Foi quando nós começamos todo o processo...

Pergunta: Isso foi em que ano, Kátia?

Kátia Born: Foi em 1992 e em 1993 a gente assumiu. Aí começamos dentro da prefeitura a fazer o trabalho dos direitos da mulher, das trabalhadoras, montar um sistema da saúde da mulher, a mulher denunciar, quer dizer, começamos a fazer um trabalho, DST, AIDS; Maceió foi pioneira nisso aqui. Nos puteiros todinhos, pegamos um delegado e obrigava as mulheres a só transar se fosse com camisinha, senão os homens iam ser presos... O SUS [Sistema Único de Saúde] foi uma revolução. Na Constituição de 1988, quando foi aprovada, a implementação do SUS, foi em 1993 na pessoa do Jamil Haddad, que abriu a Caixa Preta...



Aí a gente pegou o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. A gente criou, fundou. Nós começamos a visitar os municípios para municipalizar. Foi criado o Fundo de Apoio aos Municípios. Então isso tudo foi tendo uma rede de proteção à mulher, à criança, depois ao idoso. Depois foi criado um programa para o homem. Então, dentro da saúde, era a área que mais protegia a mulher e no governo do Ronaldo, a secretária de educação, Maria José [Viana], também era mulher, então já começamos, saúde e educação, a trabalhar o que? A didática dos livros. A mulher servindo, o homem lendo o jornal, já começamos a dizer que isso tinha que ser mudado. A negra sempre sendo empregada... então começou, eu acho que a partir de 1993 foi uma revolução nacional porque muitas prefeituras do PT, muitas prefeituras do PSB, São Paulo ali, aquele entorno de São Paulo com muitos prefeitos ligados ao PT, então isso foi criando uma rede nacional dos secretários municipais de saúde com as políticas afirmativas da saúde e da educação.

Depois [Luíza] Erundina se elege, em São Paulo, com o modelo de Paulo Freire, quer dizer... então todas essas mulheres, era um grupo de mulheres nacionalmente; Lídice da Mata, senadora da Bahia; em São Paulo, a Cristina Tavares, que morreu também. Aliás, muita gente já se foi, mas essas mulheres, elas foram de uma sacudida na questão da mulher, que isso tem que ser feito um resgate. Então, o governo do Ronaldo também ele criou a primeira secretaria da mulher e a primeira secretária do Brasil foi uma negra, Negra Vanda [Maria Menezes Barbosa]...

Pergunta: Você foi também a primeira presidente da Câmara dos Vereadores?

Kátia Born: Primeira presidente da Câmara em 1985.

Pergunta: Conta um pouquinho dessa experiência para a gente.

Kátia Born: O vereador Bráulio Cavalcante na época foi eleito, eu fui a vice dele, ele se afastou e, aí, nós assumimos. Foi nesse período, quando eu assumi e depois quando ele voltou, que a gente fez todas as reformas. Acabamos com os carros oficiais. “Vamos acabar com a



aposentadoria de vereadores”. Acabamos com tudo quanto era mordomia. A Câmara de Maceió foi um exemplo nacional, tanto que eu fui prefeita, podia ter me aposentado como prefeita, Ronaldo como prefeito, como governador, mas a gente foi o primeiro a acabar com isso na Prefeitura e Ronaldo Lessa como Deputado na Assembleia. Para gente acabar o que é que a gente fez? Quem já tinha, se manteve, mas dali para frente ninguém poderia ter mais. Então foi bom eu... primeiro plano de carreira e salário da Câmara Municipal de Maceió que, em 87 (1987) eu fui secretária geral da Câmara, fui eu que fiz. Até hoje quem prevalece é o plano que eu fiz, plano de carreira e salário dos trabalhadores.

Passei na primeira Câmara no Brasil. Eu passei para que as mulheres tivessem, ao invés de terem quatro meses de licença, elas tivessem seis meses de licença, quando tivessem seus bebês. A licença maternidade. Então foi uma evolução. Eu acho que foi o período mais evolutivo de luta das mulheres foi entre 83 e 92 [1983 e 1992]. Foi quando se desbravou tudo e se começou as câmaras, as assembleias, a criar os conselhos, acho que aí começou a evoluir. E eu acho que o maior ganho dos últimos anos foi a Lei Maria da Penha. Essa... “Entre marido e mulher, não se mete a colher”, ela desmistificou isso. Aí gente conseguiu as delegacias das mulheres; a gente conseguiu que qualquer posto de saúde notifique a mulher na violência. Quer dizer, eu acho que isso, todas essas nossas conquistas a gente não tem que se amedrontar com nenhuma delas. Eu que sou da área da saúde, continuo na área da saúde. Eu acho que os trabalhadores da saúde e da educação, e da assistência, ajudaram na reformulação de uma nova mulher. Agora, claro que nós temos uma sociedade machista, uma sociedade que você às vezes, entre escolher um homem e uma mulher para um emprego, você escolhe o homem; a mulher numa função secundária. Isso desmotiva muito as mulheres. Muitos homens ali “Vocês não precisam trabalhar não, eu lhe sustento”. As mulheres vão naquela ilusão, têm filhos; a carga da mulher é uma coisa muito pesada, aí elas, às vezes, deixam de trabalhar e ficam submissas ao homem. Eu acho isso é uma coisa...

Pergunta: Eu vou adiantar uma questão aqui que é, já que você entrou nessa pauta, sobre machismo, sobre a situação da mulher, a questão da submissão... Fale um pouquinho, Kátia, como era a tua relação com a política, com os teus colegas, desde a Câmara dos Vereadores até chegar à Prefeitura de Maceió, e quais foram as estratégias que você utilizou para lidar nesse meio político com essas



questões referentes ao machismo? Porque a gente sabe que a política brasileira está cheia...

Kátia Born: Olhe, tem uma coisa, eu nunca me intimidei junto aos homens. Eram duas vereadoras, eu e Jaede Viana [MDB e PC do B, partido no qual militou até o início dos anos 90, quando filiou-se ao PT e passou a integrar a Democracia Socialista] que morreu também; era professora. Então, eu nunca me intimidei, eu sempre tive as minhas posições muito claras, também nunca precisei da política porque, como eu era servidora concursada, eu tinha meu salário, a minha vida, não precisava me entregar para ninguém, então, eu ia para uma luta, eu ia para ganhar ou para perder. Vamos dizer, sair do PMDB, fundar o PSB, no momento onde o PMDB podia fazer o governador, prefeito, tudo eu podia ter naquele momento. Eu sempre tive posturas claras. Claro que não era fácil a insinuação, as cantadas. Eles faziam mesas de apostas quem ia ‘comer’ a Kátia Born. E eu nunca dei ousadia. A gente não pode juntar a política com a questão da sua sexualidade. Não pode usar a sedução. Política tem que usar o raciocínio e a essência da política. Então eu nunca me locuopleitei por ser mulher. Todas as conquistas que eu tive foi com muita luta. Nunca me prostitui, nunca pedi dinheiro a ninguém, sabe? Quem me ajudava, ajudava. Ronaldo Lessa também foi um grande ensinamento na minha vida política. Ronaldo sendo um cara mais velho, mas é um cara que sempre teve um lado, um olhar cuidadoso com a questão da mulher. Então ele foi um grande professor na minha vida. Nós sempre lutamos muito para ter um espaço na sociedade. E olhe, eles diziam assim: “Ah, Kátia Born é ‘sapatão’. Ronaldo Lessa é ‘viado’”. Eles queriam de alguma forma... Nós nunca nos importamos com os estereótipos, as provocações que as pessoas faziam. Isso não vinha ao caso, mas que era um momento ainda de muita discriminação na sociedade...

Pergunta: E você estava construindo esse momento, não é? A gente, por exemplo, está aqui, conversando sobre isso abertamente, você precisou construir este momento. Então, assim, eu acho que... a pergunta é mais ou menos sobre isso, sobre como você lidava com essas situações, mesas de apostas...



Kátia Born: Não, eu nunca levei em consideração isso. Nunca fiz nem comentário; nunca dei nem resposta a isso. Sempre ignorei essas provocações, sempre, e sempre convivi com gente mais velha, com jornalistas, com os cientistas políticos, quer dizer, eu sempre fui uma pessoa que eu queria me inteirar, queria aprender; tanto que quando o Ronaldo se elegeu prefeito, a gente teve algumas difíceis tarefas de colocar os profissionais da área da saúde para trabalhar, porque eles vinham oriundos de uma fundação, que era uma fundação educacional que tinha toda uma área de saúde, e acabou, o Collor acabou com isso também, com essa fundação. E esses médicos foram para uma área da saúde, que não existia Secretaria de Saúde. Então botaram todos esses profissionais para trabalhar, entendeu? Colocar para eles a importância do SUS. Quer dizer, era uma coisa... e eu tinha também muitos sanitaristas ao meu redor, homens e mulheres, e os sanitaristas, eles tinham uma alma feminina era Denisson Menezes. Era um grupo de intelectuais que iam formulando a política, a gente ia fazendo um exército de pessoas da saúde. Eu fui secretária, eu fui prefeita, porque a saúde me ensinou a humanizar e a atender bem as pessoas, então, eu fui uma prefeita do social, e isso eu aprendi com os sanitaristas.

Então a minha formação sempre foi na área da saúde. Então, lidar com o machismo era uma coisa que a gente lidava todo dia, mas era uma coisa que eu não podia... vamos dizer, se um homem agredisse uma mulher... Por quantas vezes eu me meti? Mandava o agente municipal denunciar, ia lá na casa da mulher fazer visita... até hoje. Então, isso são anos para você construir. E se você para, continua a violência novamente. Eu acho que a Lei Maria da Penha, ela avançou muito. Aquele 180 (Número da Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência). Eu fui Secretária da Mulher até 2014, no Estado. Mandeí a polícia buscar, delegadas mulheres, buscar os maridos em casa. Fiz três casas abrigo para mulheres, entendeu? Para proteger as mulheres, porque você não pode simplesmente fazer só a delegacia, você tem que proteger a mulher, porque ela denuncia, o homem sai da polícia e mata ela na esquina. É a loucura, o machismo. Não se intimidam, porque acham que vão passar um ano e depois saem. Então é uma política que a gente não pode parar um minuto sequer. O machismo, ele tá inserido dentro da sociedade. É uma coisa, sabe, que ainda vamos levar muitos anos e as mulheres vão ter que batalhar muito. Elas têm que... Essa juventude nova agora, elas têm a sensação disso, mas elas não sabem o perigo que podem ocorrer na frente, então elas se expõem, às vezes,



demais, se entregam demais às relações e não percebem o perigo que é aquilo; que ela tem que entender o processo todo que essa geração anterior passou, os conceitos da geração anterior para que elas se protejam do que pode acontecer na frente. Ficam meio desprotegidas, sabe?

E quem apanha não é só mulher da pobreza não, são de todas as classes. Você vê artistas denunciando, você vê intelectuais denunciando, você... Esse caso que aconteceu agora, desse João de Deus [Médium curador], isso é um escândalo nacional, como é que todo mundo sabia ao redor dele? As mulheres sabiam, os homens sabiam e todo mundo protegia aquela prostituição daquele homem, entendeu? Tem que ser preso, cárcere privado resto da vida, sabe? Quantos padres assediam crianças? Quantos pastores? Quer dizer, se usurpando do poder, de algum poder que tem e quem é que leva? São as mulheres e as crianças. Então eu acho que a minha vida, a vida inteira foi de resistência...

Pergunta: Pegando desse ponto aí, eu percebo que você tem uma atuação muito versátil. Você tem uma atuação como profissional da área da saúde; tem essa atuação partidária propriamente política, tanto no Parlamentar quanto no Executivo, e; tem esse engajamento, essa militância feminista, não é? A participação em conselhos, encontros...

Kátia Born: Partido político também. Tem a questão da mulher no meu partido, o PDT.

Pergunta: Em qual dessas atuações você acha que... tem mais importância nessa sua trajetória de vida. O que é que você pensa como uma coisa que tem mais significado dentre o que você falou que já fez?

Kátia Born: Olhe, eu acho que tudo que eu faço, que eu fiz e faço, elas se complementam. Porque a questão da mulher, ela é uma coisa de estudo, não é? De estudo, sabe? A questão da mulher a gente tem que se aprofundar cada vez mais. Não tá resolvida a questão da mulher, sabe? O abandono delas, às vezes pelo marido. O cara fica mais velho, aí, arranja uma mulher nova e diz: “Essa eu não quero mais; essa tá novinha. Agora eu posso pagar para ficar com a...”. Esse caso, desse



homem agora, de 80 anos, que era casado – segundo a televisão, era empresário –; que era casado com uma mulher há 30 anos e deixou ela por uma loira lá do Rio de Janeiro. Era um empresário que tinha \$ 78 milhões na conta. A mulher passou o dinheiro dele todinho para uma mãe de santo lá para ir tirando o dinheiro; deixou ele lá trancado dentro de casa, separou ele dos filhos e agora os filhos tentaram pegar ele, a mulher não deixou... Quer dizer, então você vê que é uma questão de estudo. Os homens teriam que ser mais trabalhados em relação a isso. Às vezes eles acham, como é uma novinha, vou poder comprar... Não é poder comprar, mas você pode se arrepender do que pode acontecer na frente. Porque você deixa a sua estrutura familiar e vai embora, com 30 / 40 anos resolveu tá... não sou contrária não, se não gosta, vai... Mas você engana, porque você engana uma mulher durante 30 anos. Como as mulheres são muito consensuais na vida, elas pensam nos filhos, elas pensam na família, elas pensam no dia a dia, elas pensam em tudo, nos vizinhos... então eles, eles não percebem que mexeram com toda uma estrutura de vida. Então não casa, sabe? Pensa, não faz filho, porque a mulher não faz filho sozinha.

Eu tenho muitas amigas que dizem assim: “Sou doida para ter um filho, mas eu quero ter um filho sozinha. Porque os homens estão indo embora e deixam as crianças. Quer dizer, então, é uma sociedade em que a mulher ainda precisa ser muito trabalhada, sabe? Muito trabalhada mesmo porque, nós tivemos muitos ganhos com as leis, mas pouquíssimas leis são aplicadas pela proteção da mulher. Quando você vai pegar uma pensão: “Ah, vagabunda, não quer trabalhar...”. Não sabem que a mulher teve o menino, deixou o emprego, está entendendo? Então, a minha mãe, quando o meu padrasto deixou ela, que ela foi pedir pensão, eu tinha 21 anos de idade, aí ele disse: “Se ela pedir pensão eu mato ela”. Eu liguei para ele e disse: “Eu gosto muito de você, o senhor ajudou a me criar, mas eu estou indo ao promotor público amanhã e, aí de você, se ousar...”. Dr. Luciano. Eu fui lá, Dr. Luciano disse: “Pode deixar que eu protejo a sua mãe”. O Ministério Público. Então eu acho que a gente tem que buscar o Ministério Público e a proteção da mulher, sabe, a própria justiça, as delegacias, então a gente tem que utilizar mais as leis que nós ajudamos a criar nesses últimos 30/40 anos.

Pergunta: E me diga uma coisa, o que é que significa estar na política partidária para você?



Kátia Born: Olhe, a política partidária faz com que a gente crie núcleos de base, seja nas universidades, seja no bairro, seja no vizinho, seja onde você trabalha. Eu acho que os núcleos de base, o Dr. Miguel Arraes dizia... Dr. Arraes foi presidente do meu partido também PS]. Infelizmente morreu. Dr. Arraes dizia assim: “Se você não junta camponeses, se você não junta trabalhadores, se você não junta donas de casa, se você não aglutina essas pessoas ao seu redor, como é que você vai querer transformar a política?” O Leonel Brizola [Fundador do PTB] dizia a mesma coisa. Então, eu acho que é através da política; através das eleições que você transforma a sociedade. Só que as eleições, começaram a se transformar em negócios. Hoje para você eleger um Deputado Federal você precisa ter muito dinheiro, não é pouco não. Deputado Estadual também. As eleições majoritárias você ainda consegue sensibilizar a sociedade, mas em eleições proporcionais, a sociedade ainda não percebeu a importância de um deputado, nem um Federal que está fazendo as leis... Você vê tiraram os direitos dos trabalhadores todos agora, e aí? Quem foi o deputado que votou naquilo ali? Então eu acho que a transformação é através da política.

Pergunta: Por quais partidos políticos você passou em sua vida?

Kátia Born: Eu fui do PMDB, de 1981 a 1985. Quando Collor entrou, eu saí. Fui do PSB, de 1986 até 2018. Aí morreu Eduardo Campos que era meu líder. Eu era coordenadora do Eduardo Campos nessa região toda. Um cara brilhante, brilhante, eu era apaixonada por ele. E quando Eduardo morreu, o partido começou a ficar meio esfacelado. Começaram a buscar gente de outros lugares. Então aqui pegaram um rapaz aí que, para mim, é mais uma farsa do que qualquer coisa, e eu era presidente do partido, e ele disse que só ficaria no partido se me tomasse a presidência. Eu lutei muito, porque eu tinha sido eleita pelo partido, para presidente. Fui para justiça: “Entrego não”. Passei um ano brigando... Ganhava, perdia. Um dia eu digo assim: “Quer saber de uma coisa? Me cansei. Se o partido nacional tá apoiando uma figura que não tem história nenhuma, que não deu a vida como eu. Eduardo Campos me chamava aqui, a primeira campanha dele para governador para presidente, foi aqui em Arapiraca, Município de Alagoas, na rua, na sexta-feira, na quarta-feira eu ia me encontrar com ele em São Paulo. Na terça-feira ele sofreu um acidente aéreo e morreu. Então era toda a



minha vida dentro do PSB... Ronaldo Lessa saiu do PSB e eu não saí. Aí ano passado, Ronaldo Lessa me chamou para entrar no PDT [Partido Democrático Trabalhista] para gente se juntar novamente e foi bom, voltei pro partido, estou satisfeita, estou trabalhando, estou na executiva municipal e agora organizando novamente mulheres, trabalhadores, núcleo de base que faz parte desse movimento da vida.

Pergunta: Pois, então, vamos passar agora um pouquinho para questão atual do Brasil. O Brasil vivenciou momentos tensos, durante o último pleito presidencial. Conte-nos um pouco como você experienciou esse momento significativo para a história do país. O que você pensou e como tem pensado a respeito da atual situação?

Kátia Born: Olhe, eu acho, primeiro que o PT e o PSDB, eles não perceberam... uma ira na sociedade em relação às falcatruas, às delações premiadas envolvendo o PMDB, PSDB, PT; a prisão do Lula, não é? Esses partidos não perceberam que, na hora que eles chamaram o Bolsonaro para briga, eles chamaram o cara da Direita com o discurso de que? Discurso contra a corrupção. Para mim os dois discursos que armaram a sociedade foram a arma – cada cidadão ter direito a sua arma em casa, se armar; “o bandido tá armado e eu não estou”. A juventude adorou este discurso. Porque a juventude também se sente desprotegida e, com uma arma, ela se sentiria protegida, principalmente os homens, os rapazes, os meninos homens, e, a corrupção. Então, o Bolsonaro montou isso. Montou uma estrutura em relação a isso, não é? E o PT e o PSDB continuaram batendo nele e não utilizaram nenhuma outra estratégia. Por quê? Porque, para mim, uma estratégia naquele momento era Ciro Gomes. Para mim, não é por causa do meu partido não, mas um dos candidatos mais preparados deste país, principalmente, na questão econômica... Porque, se você tem uma boa economia, você tem emprego; se você tem uma boa economia, você diminui a violência; se você tem uma boa economia e um plano de desenvolvimento, você tem uma sociedade crescente socialmente... O PT não entendeu isso e nem o PSDB entendeu isso.

Quando o Lula foi atrás do próprio PT, porque o Ciro, o Ciro não conseguiu convencer o PT. O Ciro não conseguiu convencer o centro, e aí o Ciro sai sozinho. Tanto o PT achava que derrubava o Bolsonaro, quanto o PSDB também achava que derrubava... Eles jamais iam imaginar que



no imaginário da população e na militância que o Bolsonaro montou de internet, que já vinha fazendo isso há 4 anos em relação ao armamento e a questão da violência... Porque essa estória de gay, depois do negro, aquilo foi surgindo como pautas laterais, complementares, porque ele já tava aqui... Ele podia dizer qualquer coisa, qualquer coisa. Eu tenho amigos meus gays, da universidade que disseram: “Eu vou votar em Bolsonaro; ele vai acabar com a violência e com a corrupção. Esse negócio de gay, Bolsonaro vai ligar para isso não...”. Então ele chegou a um ponto que, quando levou a peixeirada, eu disse “ganhou a eleição”. Agora vai, vai, e eles continuaram batendo aqui e acolá e não perceberam que o Ciro, naquele momento, era o candidato. Todas as pesquisas diziam que ele, no segundo turno, levaria. Não percebeu, sabe? pagaram para ver. O PT pagou para ver... Porque o Fernando Haddad, ele vai crescendo, mas ele não cresce muito. O Haddad ficou refém da visita ao Lula. Se botasse uma Luciana [Santos]. Luciana que era Deputada Federal, que é do PCdoB, que é uma mulher forte, negra, não é? você tinha umas figuras... Aí você bota aquela menina lá do Rio Grande do Sul Manoela D’Ávila. Frágil também porque precisava de alguém... O Haddad... fraco, bom, cresceu, mas fraco. Você precisava ter alguém que a sociedade visse com a cara da sociedade, não é? E o Ciro, com toda a loucura dele, ele dizia, enfrentava e dizia o que o povo queria saber. Então eu acho que... o Brasil perdeu o seu momento, sabe, vamos ter que conviver nesses quatro anos com uma política que você não consegue compreender. Você não consegue compreender. Você vê, a política internacional... que é isso, não é? a política econômica. O que é que vão fazer? Quando eu vejo o cara dizer que a Caixa Econômica Federal vai cobrar da classe média os juros de mercado, nós vamos entrar numa crise igual à dos Estados Unidos, das pessoas entregarem as casas por não terem condições, até porque os salários estão achatados, não é? Há quanto tempo que o trabalhador brasileiro não tem aumento? Então, se o BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social] vai emprestar a quem? Vai retomar o crescimento do Estado como? O Banco do Brasil vai ser privatizado? A Petrobras... Qual o interesse dos Estados Unidos no nosso petróleo do fundo do mar? Quem tem interesse? Cata, cata, tira, tira, tira, depois acabou, o Brasil fica com o que? Então, eu acho que é uma política... Aí eu concordo com o Ciro, não há um planejamento. E como a gente pode fazer isso? Eu acho que as universidades, os trabalhadores, têm que acompanhar de perto, tem que fazer seus movimentos, sim, na hora certa, sabe? Não pode recuar, não pode ter medo, nós já passamos da fase do medo que foi em 64, 65, 69



(1964, 1964, 1969), sabe? Nós não podemos ter medo. O Brasil avançou muito. O Brasil nas políticas sociais. O Brasil na defesa do meio ambiente. É preciso que tenha mais investimento no país na área de saneamento, nós estamos caminhando na recuperação das estradas, na infraestrutura. Eu acho que não há uma política, você não vê a política do Bolsonaro. Quando eu vi aquele Paulo Guedes falar que em dez meses eles querem ter superávit, então ele, eu não sei o que é que ele vai fazer. Vai vender tudo que a gente tem? Como é que vamos produzir? O que é que vai ser? O que é que vai ser este país? Então a gente tem que monitorar...

Pergunta: Essa que é a pergunta, o que é que vai ser? Na sua opinião, o que é que você acha que vai ser?

Kátia Born: Olhe, eu acho que vamos passar momentos muito difíceis e que a sociedade tem que está atenta; a sociedade tem que cobrar; a sociedade tem que ir às ruas, a sociedade tem que mostrar quem votou nele; que esse não é um país de ricos, esse é um país de trabalhadores. E que se a gente não tiver trabalhador com SUS, trabalhador com escola pública, trabalhador com o social, trabalhador com aposentadoria, você não tem país.

Pergunta: Você não acha que o centro-esquerda está desmobilizado? Como que vai fazer essa reivindicação na rua?

Kátia Born: Completamente. E eu acho que, através dos partidos políticos, sabe? O Ciro tem convocado aí o PCdoB, o próprio PSB, o PDT, o PSOL para fazer um fórum de discussão. E aqueles companheiros do PT que queiram vir, que venham. Agora eles têm que fazer uma reflexão que o que está acontecendo no país. Eles também foram culpados, sabe? E que é preciso que a gente se prepare, onde a gente tiver trabalhando, onde a gente tiver se organizando... que a gente não precisa ficar irado não. Eu acho que você faz política com amor, não com é ira e, nesse momento, o eleitor do Bolsonaro ele tá querendo fazer provocação. Não vamos aceitar provocação, vamos fazer com que a gente tenha a sensibilidade de perceber o que está errado e colocar o que foi



prometido e o que é que pode ser feito. Eu acho que para ele estudar, inclusive.

As universidades me preocupam muito, muito de querer desmobilizar, acabar com a eleição direta, voltar a indicação de reitores, isso tudo me preocupa e a gente tem que tá preparado para reagir, sabe? Reagir. Porque é na universidade onde está a maior formação das pessoas que saem dali para produzir no país.

Pergunta: Nós estamos preocupados também na universidade. Kátia, fala um pouquinho sobre essa pauta que foi tão reivindicada, de gênero e sexualidade nessas eleições. Embora você tenha falado que foi uma pauta secundária, mas foi utilizada muita fake news, em torno dessas questões de gênero e sexualidade e tivemos um vídeo agora da Damares, a Ministra das Mulheres, falando das cores, do rosa e do azul... Como é que você vê essa pauta, como é que... porque, a gente cresceu muito, mas a gente, nesses últimos três anos, a gente retrocedeu tanto no ponto de vista das questões morais, as pessoas estão tão vinculadas a essa discussão...

Kátia Born: Eu acho que tem uma coisa que estava meio adormecida, que era o movimento das mulheres, que na campanha agora do Haddad e do Bolsonaro, houve uma reação das mulheres. Nós temos que começar a discutir com essas mulheres uma pauta onde nós não aceitemos o atraso. É a primeira coisa, não aceitemos o atraso. A nossa pauta de mulheres com salários iguais, a questão dos negros, a questão dos quilombolas, a questão dos LGBT...

Pergunta: Dos nordestinos...

Kátia Born: ...dos nordestinos, é uma pauta unificada, não pode ser só uma pauta solta, sabe, não pode ser uma pauta solta. Por quê? Porque essa pastora que foi colocada ali naquele Ministério é como se fosse para desmoralizar a luta das mulheres trabalhadoras no Brasil, porque ela não diz nada com nada, não tem noção do que é ser uma ministra da mulher. Não é orar não, eu também já fui evangélica, já orei muito na igreja, sabe, o meu respeito aos evangélicos, aos católicos, aos



terreiros, aos espíritas, mas, o país é laico. Nós não podemos confundir religião com política, nem com administração. Então, acho que eu teria, como dizia Luciano Hulk, fez uma brincadeira lá no programa [Caldeirão do Hulk], quer dizer, precisamos transformar isso em protesto; um grande protesto nacional, os homens todos de rosa e as mulheres todas de azul, para demonstrar que administrar não são cores, nem coloridos, administrar é política de gênero, que esse país ele [Bolsonaro] quer tirar isso das nossas conquistas nacionais. Então eu acho que... só vejo uma forma: todos os movimentos se reunirem, não é? As esquerdas do país tiveram 47 milhões de votos e nós não podemos jogar isso fora. Nós temos que dizer ao governo do Bolsonaro e da turma dele que os direitos e as conquistas dos últimos 40 anos, eles têm que ser melhorados e não destruídos. Que ele faça uma boa economia brasileira. Que ele esqueça essas pautas que ele dizia que eram secundárias, que a política dele... se dedique à violência, à infraestrutura e deixe a sociedade se organizar nas questões dos direitos, sabe? Eu acho que nós podemos ter grandes confusões nesse país, grandes lutas, sabe, grandes lutas. Não agora, porque agora as pessoas ainda não estão sentindo, mas daqui há 6 / 7 meses, se as pessoas não contestarem o que tá acontecendo... parece que tá tudo bem, e não tá, tá todo mundo agoniado. Eu estou agoniada.

O Ministro dizer que a questão da política do HIV... Como foi que ele falou? uma política... conceitual? Não. Nós tivemos 21% de mulheres casadas contaminadas pelo HIV e não foi porque elas transavam fora não, é que o marido transa fora... os homens vão lá e não respeitam ainda política pública que é para usar camisinha, que é... “Infeliz, vai transar fora? Bota uma camisinha. Tem cuidado com a tua mulher em casa, com o filho que vai nascer. Faz os teus exames, faz seu teste rápido”. Então, isso é uma política de saúde. Nós estamos defendendo a sociedade ou acha que todo mundo vai transar para casar? Não vai, não é? Então eu acho que o caminho dele nas questões com a sociedade está tomando um rumo que nós podemos ter grandes problemas na saúde, grandes problemas na educação, grandes problemas na assistência, grande problema na Reforma Agrária, a luta do campo, grandes problemas indígenas, muitas mortes, sabe? Então acho que... me preocupa. Me preocupa esta pauta que ele dizia ser secundária, que ela não passe a ser a pauta que a sociedade vai sofrer, fora a econômica.

Pergunta: E me diga uma coisa, como você vê hoje a Direita, a Esquerda e o Centro na política brasileira? Pragmaticamente falando.



Kátia Born: Olha, eu não acredito que foi uma direita que votou no Bolsonaro. Eu tenho no meu Facebook, eu tenho dois facebook; 5 mil que me seguem e 7 mil que me seguem, 12 mil, eu tive uns 30% de amigos que votaram no Bolsonaro e votava assim: “Contra a corrupção! Contra a violência!”. Nunca ninguém disse contra a sexualidade, contra os direitos dos negros, nada disso. Dizia: “Isso é falácia. Nós vamos votar no Bolsonaro porque ele vai combater a violência, porque ele vai combater a corrupção”. Então era o povo trabalhador, que nunca roubou, que para se sustentar, rala, que ganha 4 / 5 salários mínimos, mas ganha, lá no final do mês tem que pagar a prestação da casa, tem que pagar o carro, tem que botar o filho no colégio... Houve um voto de protesto contra a esquerda. Houve uma mudança radical. Quer dizer, o Ciro só teve 12% dos votos, só 12%, embora Ciro seja um homem que nunca respondeu processos, o cara que se preparou, que saiu sozinho. Aí você diz assim: “Mas o Ciro tinha esse discurso”. “Tinha, mas o Ciro não tinha a agressão que eles tiveram contra o PSDB, contra o PMDB, contra o PT”. Então Bolsonaro saiu na frente e montou uma rede articulada de jovens que não são nem de direita, nem de esquerda. Não sabem nem o que que é isso. Então tem ali uns 20% de direita que votaram nele, sabe, mas tem ali uns 60% de pessoas que sempre votaram na esquerda e ficaram desiludidas por causa do PT. Então nós temos que resgatar isso. Eu sou de esquerda, vou continuar defendendo os meus conceitos de esquerda; vou continuar defendendo uma política nacionalista. A gente não pode entregar os nossos bens para o mundo. Os Estados Unidos não entregam; ele aglutina forças e patrimônio para eles. A Europa também. Porque que a América do Sul vai entregar o que tem? Então isso é uma falácia, isso é o entreguismo que as pessoas não estão percebendo. Então eu vou continuar. Se ser de Esquerda é defender o nosso patrimônio nacional, eu vou continuar sendo. Defender as nossas universidades públicas...

Pergunta: Isso é o que você fará para o Brasil de amanhã?

Kátia Born: Eu vou continuar sendo eu. Não dá para ser diferente. Eu tento fazer 40 anos de política, acreditando na política. Sei que o PT errou, mas também acertou muito, sabe? Acertou, fez a interiorização das universidades, ampliou o número de creches no Brasil, fez uma construção no interior de pequenos produtores rurais que hoje



estão vendendo para as escolas, a merenda escolar, no Brasil inteiro. Fez muita coisa boa, agora, se deixou se entregar pela sedução do poder e do dinheiro, isso é que é uma coisa difícil, sabe? Os políticos têm que aprender que tem que fazer diferente.

Pergunta: E o PT foi uma decepção porque sempre foi um baluarte contra a corrupção... e aí quando a gente vê a bandalheira que era e as pessoas que ocupavam cargos estratégicos na Petrobrás, ficávamos todos envergonhados porque também apoiamos, não é?

Kátia Born: Sim, mas você vê, você tem muitos trabalhadores, muitos sindicalistas... Você percebe que as indicações políticas que não eram só do PT, eram dos partidos políticos. Havia uma coisa calada ali dentro daquela estratégia que eles utilizavam, que eram os empresários que davam dinheiro para eleger bancadas federais, e as pessoas acharem que isso aí era uma coisa normal.

Pergunta: O modelo de coalisão, que, no Brasil, se você não fizer esse tipo de acordo você não administra?

Kátia Born: Eu fui prefeita de Maceió por 8 anos e eu nunca dei ousadia para ninguém me oferecer propina não, dar aumento de passagem de ônibus para arranjar dinheiro? Nunca. Congelei a passagem de ônibus por 4 anos.

Pergunta: Mas essa coisa de indicar pessoas para as secretarias para ter apoio...

Kátia Born: Você tem que ter sua controladoria, eu tinha minha auditoria. Meus secretários, 90%, eu que indicava, se errasse era eu, se acertasse era eu, entendeu? O vereadores podiam até indicar uma direção de alguma coisa, mas sob a tutela do meu secretariado, então eu acho que você pode... Eu e o Ronaldo Lessa, nunca tivemos escândalo em um governo, entendeu? Eu prefeita 8 anos e ele governador por 8 anos...



Pergunta: Kátia, e como está o Estado de Alagoas hoje, politicamente falando? A relação do Estado com o Brasil? Do ponto de vista político, do ponto de vista social...

Kátia Born: Olhe, o governador Renan Calheiros, ele tentou fazer uns ajustes no Estado; fez uma política mais ajustada, não foi uma política mais social, mas foi uma política mais ajustada no primeiro governo. Me parece que ele conseguiu ter o controle sobre as finanças do Estado, tanto que ele foi oposição ao Bolsonaro no 1º turno e ao PMDB. Votou no Lula; no Haddad no 1º e no 2º turno, ele se preparou para resistir a isso, lutar e ganhou, ele ganhou. Não sei como vai ser o comportamento do Governo Federal em relação do Nordeste, principalmente, Alagoas. Eu não sei. Eu acho, me parece que o governo Bolsonaro é um governo vingativo, isso me preocupa muito. Qual é a política que o governo Bolsonaro vai ter para o Nordeste, em especial, para Alagoas? Vamos dizer, se o Renan se elege presidente do Senado, pode ser uma... Como vai ser o comportamento do governo do Bolsonaro em relação ao Senado? Vai ser diferente o tratamento? Vai ser de pactuação? Vai ser de voltar a àquelas coisas que a sociedade precisa? Eu acho que a gente não pode prever o que é que vai acontecer para Alagoas. O governador está fazendo aí certos enxugamentos, reduzindo algumas coisas, se preparando para o que vem. Porque o Estado de Alagoas ele depende de algumas indústrias, da cana de açúcar, que tá numa situação difícilíssima, o álcool, do turismo. Nós melhoramos muito o turismo. Alagoas hoje é um dos estados de maior número de turistas do Nordeste; uma rede hoteleira boa. Claro, ainda falta muito saneamento básico; a malha viária nossa é excelente. Agora, ninguém vive sem os investimentos do governo federal. O governador tem uma bancada de cinco deputados federais, quatro são oposições a ele, mas eu acho que nesse momento até a bancada federal, que não votou no governador, ela vai ajudar o Governo do Estado. Porque são pessoas que trabalham, que quer ver o melhor para o Estado de Alagoas. Mas nos preocupa a relação do Governo Federal com Alagoas, muito.

Pergunta: Bom, para finalizar, uma rapidinha: Um livro?

Kátia Born: Angústia (Graciliano Ramos, 1936).



Pergunta: Uma música?

Kátia Born: O que será (A flor da terra) – Chico Buarque.

Pergunta: Uma frase?

Kátia Born: Eu amo Alagoas!

Pergunta: Um sonho?

Kátia Born: Que o Brasil seja melhor.